

‘A METRÓPOLE IMAGINÁRIA’: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA ADMIRAÇÃO PARA A LEGITIMAÇÃO DA VIOLÊNCIA

FONSECA, André Azevedo da. *A Metrópole Imaginária*. Editora UFPR. 2020.

Victoria Vischi da Cruz¹

O livro *A Metrópole Imaginária* é resultado da pesquisa de doutorado do professor e pesquisador André Azevedo da Fonseca, realizada no programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista (Unesp). O projeto partiu da investigação sobre eleição do escritor Mário Palmério para o cargo de deputado federal por Minas Gerais em 1950. A partir dos desdobramentos dessa pesquisa, surge o estudo foco do livro, que analisa a dinâmica social da cidade em questão na primeira metade dos anos 1940, em um trabalho de história cultural.

Por meio da análise documental, principalmente das publicações no jornal local *Lavoura e Comércio*, Fonseca constata que, apesar de Uberaba ser, no início dos anos 1940, uma cidade semi-rural em decadência comercial, as elites cultivavam um imaginário de desenvolvimento que não coincidia com a realidade. A construção dessa narrativa fazia parte do cultivo de um imaginário para legitimar o poder simbólico das elites. Uma manipulação mascarada que cimentava a ideia de uma elite bondosa e elegante a ser admirada, como forma de possibilitar o uso da violência contra os grupos marginalizados, como leprosos e crianças que pediam esmolas.

Para entender essa dinâmica, Fonseca situa a história da cidade de Uberaba. Primeiro, é importante compreender que sua localização geográfica,

¹ Victoria Vischi da Cruz, graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), aluna especial do Mestrado de Comunicação da UEL na disciplina “Comunicação e Imaginação Social”. email vickvischi@gmail.com

na região do Triângulo Mineiro, fez da cidade um território distante do poder estadual de Minas Gerais. Por sua proximidade com os estados de São Paulo, Goiás e Mato Grosso do Sul, essa região é marcada por controvérsias identitárias, hora se aproximando mais de um estado e hora de outro. Conjuntura que distanciava a cidade dos investimentos estaduais e a deixava, muitas vezes, nas mãos das elites locais para a promoção de avanços estruturais.

Além disso, até 1895, Uberaba era a parada final da estrada de ferro Mogiana. Condição que fazia da cidade um importante polo pecuário e comercial, que fazia negócios com os estados de Goiás e Mato Grosso. No entanto, os trilhos da estrada foram estendidos para Uberabinha, atualmente Uberlândia, em dezembro daquele ano, e para Araguari no ano seguinte. Processo que dá início à decadência de Uberaba, que perde sua importância comercial na região. “Dessa maneira, Uberaba virou um núcleo urbano decadente ilhado por formidáveis pastagens de gado” (FONSECA, 2020, p. 34).

Nesse cenário, a elite agrária solidifica sua importância e a monumentaliza através da construção de palacetes no centro da cidade. Essas edificações criaram um ambiente divergente, em que a fortuna pecuarista contrastava “com a pobreza generalizada em uma cidade que sofria com calçamento rudimentar, iluminação inconstante, sistema de água precário e população doente” (FONSECA, 2020, p. 43). Divergência essa que materializa as relações de poder, por meio de símbolos utilizados para naturalizar na imaginação social, a importância sócio-cultural das elites locais.

As publicações nos jornais exaltavam Uberaba como uma grande metrópole desenvolvida e civilizada, aos moldes das grandes capitais. Uma narrativa que não correspondia à realidade e que era amparada apenas por imagens do pequeno conjunto de palacetes, formado por poucas construções ao redor da Praça Rui Barbosa, e por trocas de elogios entre a elite, ambos realizados em publicações da imprensa local.

Assim, partindo da interpretação de Bronislaw Baczko, Fonseca observa que a manipulação da imaginação social naquela sociedade não era utilizada como apenas um ornamento, mas como uma força poderosa para a construção

dos processos de crença e identidade. Artifício essencial para a manutenção do poder, em uma cultura do mandonismo, em que o prestígio das lideranças é indispensável para a manutenção do controle das elites. Para isso, nota-se um esforço teatral, em que as elites trocam elogios inflacionados para solidificar uma importância superestimada, no que Georges Balandier chama de “teatrocracia”, dispositivo de poder por meio do qual os atores sociais encenam um papel na cena política. Para sustentar esse argumento, Fonseca ainda se apoia nas noções de Erving Goffman que, como Baczko e Balandier, defende que o sujeito está sempre representando um papel socialmente “tenha ele consciência ou não do caráter dramático de sua representação” (FONSECA, 2020, p. 65).

Tudo isso é parte do que Pierre Bourdieu chama de poder simbólico, que busca estabelecer e normatizar as relações de poder na sociedade por meio da simbologia e da distinção social expressas em homenagens que representam a elite como ilustre, repleta de pessoas admiráveis. De acordo com os valores sociais estimados à época, não bastava que a elite fosse civilizada, mas era importante que ela ainda se mostrasse caridosa, reforçando seus valores cristãos. Assim, os jornais locais se tornavam vitrines para que a elite expusesse seus atos de benevolência. “Deste modo, o tema dos leprosos e das crianças abandonadas que esmolavam de porta em porta tornou-se uma oportunidade sem igual para a encenação da imagem piedosa, misericordiosa e filantrópica dos uberabenses” (FONSECA, 2020, p. 102).

Fonseca narra como os problemas sociais relacionados aos mendigos causaram um dilema para as elites, que queriam ver a cidade limpa de leprosos e pedintes, principalmente pensando na imagem da cidade para os visitantes, sem manchar sua imagem bondosa e beneficente. Para resolver esse dilema, empregou-se um processo de desumanização dos leprosos, aliada à noção de que as esmolas dadas a eles voltariam ao comércio local e poderiam contaminar a população de Uberaba. Assim, aquelas pessoas passaram a ser vistas como um perigo para a sociedade e, por isso, justificava-se o ato violento de confiá-los em leprosários distantes, que eram verdadeiros campos de concentração.

Enquanto isso, as crianças pedintes e mendigos também passaram a ser alvo das narrativas que prometiam limpar a cidade. Os primeiros eram, muitas vezes, descritos como desordeiros que depredavam bens públicos e particulares, os segundos eram divididos em duas categorias: aqueles que eram realmente entendidos como necessitados e os que eram vistos como pessoas que escolhiam a mendicância apesar de serem capazes de trabalhar.

Tanto as crianças órfãs como os mendigos vistos como realmente necessitados eram relegados a abrigos precários, mantidos com poucas ações das elites locais. Fonseca destaca que essa também era uma forma de confiá-los a esses espaços e tirá-los das ruas. As violências empregadas para essas ações eram legitimadas pelo imaginário que representou os grupos marginalizados como uma ameaça à sociedade e à civilização, tornando-os alvo do ódio em comum da população.

Assim, Fonseca conclui que a metrópole imaginária criada pelas elites nas páginas de jornais era uma verdadeira manipulação mascarada que pintava a elite como bondosa e elegante, como uma forma de possibilitar essas violências. Além disso, o autor indica que se tratava de uma ficção consentida, afinal, as pessoas sabiam que o imaginário da metrópole não coincidia com a realidade, mas continuavam defendendo essa ideia porque atendia aos seus interesses.

Ao analisar a dinâmica social de uma pequena cidade do Triângulo Mineiro, Fonseca explora, em *A Metrópole Imaginária*, a importância dos símbolos e da imaginação social para a construção do poder. As análises de peças publicadas em jornais da época, principalmente no *Lavoura e Comércio*, demonstram como essas dinâmicas se manifestam para além do campo teórico, em um jogo de poderes simbólicos que ainda tem presença marcante na política. Dessa forma, esse estudo de caso se mostra como uma discussão relevante para a compreensão das dinâmicas de poder atuais e do papel da teatrocrazia para a construção da realidade.

Recebido em: 1 de agosto de 2023
Aceito em: 11 de dezembro de 2023